

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



MUSEUMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volueas monumenta viroorum

LISBOA
IMPRESSA NACIONAL
1902

SUMMARIO

- UM ARCHEOLOGO ESQUECIDO: 1.
NOTAS E CONSIDERAÇÕES SOBRE BRAGANÇA: 14.
PROJECTO DE UM MUSEU ARCHEOLOGICO EM SETUBAL: 18.
PROTECCÃO OFFICIAL Á ARCHEOLOGIA: 22.
ESTÁTUA DE UM GUERREIRO LUSITANO: 23.
MUSEU MILITAR: 26.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 27.

Este fasciculo vae illustrado com 4 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

JANEIRO DE 1902

N.º 1

Um archeologo esquecido

Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura

Com este artigo tenho por fim desenterrar do esquecimento o nome de um benemerito, embora modesto, archeologo trasmontano, que viveu nos fins do sec. XVIII e primeira metade do XIX. Refiro-me a Manoel de Queiroga¹ Correia Carneiro de Fontoura.

No *Diccionario Bibliographico*, t. VI, pag. 266, cita-se um pequeno opusculo que elle publicou em 1844, mas diz o auctor do Diccionario que nada pôde averiguar da biographia de Carneiro de Fontoura, nem ao menos saber qual era o seu nome de batismo, pois no mencionado opusculo este nome está indicado apenas por «M».

Todavia, como tive ensejo de examinar dois manuscritos que Carneiro de Fontoura deixou, colhi nelles algumas noticias que entendo dever dar a lume, porque todos os que trabalham com sinceridade tem direito a que os façamos lembrados, e apreciemos com justiça o fruto do seu trabalho: e Queiroga está neste caso. Os manuscritos a que alludo pertencem ao Rev.^{do} Dr. Pedro Augusto Ferreira, digno Abade de Miragaia, que com a maior liberalidade me permittiu que os examinasse em sua livraria, no Porto, e d'elles extrahisse as notas que eu quisesse. Posto que a descripção d'elles só tenha de ser feita mais adiante, no cap. II d'este artigo, é-me preciso mencioná-los aqui, por causa das referencias que se me torna preciso fazer-lhes no cap. I; são os seguintes: *Memorias genealogicas* e *Apparato de antiguidade*.

¹ Ora encontro escrito *Queiroga*, ora *Quiroga*.



des¹. Além d'estes manuscritos e do opusculo impresso, tenho ainda conhecimento de um artigo escrito por Fontoura a propósito de uma inscrição romana. Aos elementos biographicos colhidos nas fontes indicadas, que são, porém, em pequeno número, junto algumas informações que o illustrado collaborador d-*O Archeologo Português*, o Sr. Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, teve a amabilidade de me obter, segundo communicações que recebem de alguns parochos de Trás-os-Montes.

I

Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura nasceu na Granja, freguesia de Jou, no 1.º de Abril de 1784. A freguesia de Jou pertencia naquella tempo á comarca de Chaves, hoje pertence á comarca (e concelho) de Valpaços.

Seus paes foram Carlos Antonio Queiroga Teixeira e Maria José Carneiro de Fontoura, que casaram em 30 de Novembro de 1780. Seus avós paternos: Francisco de Queiroga Teixeira e Anna Maria de Sá Carneiro, da freguesia de Lamas de Orelhão; e maternos: P.^e Leonardo José Carneiro, do logar da Granja, e Joanna Gomes, do logar de Zebras, freguesia de S. Nicolau dos Valles. Foi batizado em 8 de Abril de 1784². O nosso auctor teve tres irmãos: Luis, Ignacia e Anna. Ou por todos os ramos, ou só por alguns, era de descendencia nobre: nas *Memorias genealogicas* intitula-se mesmo «fidalgo por linhagem», e ali, a fls. 13, segundo uma communicação do Sr. Abbade de Miragaia, falla na sua casa *solariega* da Granja de Jou. A relação d'estes factos não deixa de ter certa importancia, como veremos adiante. Na sua familia havia, pelo menos, outro padre, além do já mencionado; chamou-se elle João Manoel de Queiroga, seu tio (reitor da villa de Franco, fallecido em 1828).

A esta parentela ecclesiastica se deve talvez o facto de Carneiro de Fontoura seguir a mesma vida. Segundo o que me diz o Sr. Castro Lopo, elle ordenou-se em Braga. Numa carta do Rev.^{do} paroch de

¹ Já depois de escrito o que precede, me disse o Sr. Abbade haver offerecido estes mss. á Bibliotheca Municipal do Porto. — N-*A Vida Moderna*, n.º 26, de 7 de Março de 1895, publicou o mesmo Sr. uma breve nota á cêrca dos referidos manuscritos.

² Estas informações foram em parte ministradas pelo Rev.^{do} Paroch de Jou, em carta de 9 de Novembro de 1895, dirigida ao Sr. Castro Lopo: provêm do livro dos batismos. Completei-as com o que se lê nas *Memorias genealogicas*, fls. 213.

Lamas de Orelhão, dirigida ao Rev.^{do} parócho de Jou em data de 23 de Novembro de 1895 e que me veio ás mãos por intermedio do Sr. Lopo, encontro o que se segue: «Parece que o P.^c Manoel Queiroga Carneiro Fontoura, logo que se ordenou, veio para Lamas, onde tinha familia. Por os livros do registo vejo que fôra aqui encommendado desde Março de 1810 Em 1816 he feito cavalleiro da Ordem de Christo».

Parece que foi em 1816 que terminou as *Memorias genealogicas*, pois no rosto se lê essa data;ahi se intitula tambem «cavalleiro na Ordem de Christo».

No *Apparato de Antiquidades* cita-se a data de 1825; como o titulo d'esta obra é dado no folheto impresso, que tem a data de 1844, segue-se que o *Apparato* foi escrito entre 1825 e 1844.

Entre estas duas datas posso mencionar ainda um facto da sua vida: a sua nomeação para reitor das Lamas de Orelhão, que foi feita em Abril de 1832¹.

Carneiro de Fontoura finou-se nas Lamas em 20 de Novembro de 1856, sendo sepultado na igreja matriz d'essa freguesia².

Aqui está tudo o que pude apurar da sua biographia propriamente dita, e creio que mencionei os factos essenciaes d'ella, porque, ao que se crê, a vida de Carneiro de Fontoura correu serena: vida de estudo e de bondade. «Foi homem muito virtuoso, — diz-me o Sr. Castro Lopo na carta já citada —, e por esta circumstancia, que não tanto pela do seu saber, ainda hoje é lembrado pelos velhos da freguesia».

Passarei agora a occupar-me mais detidamente dos trabalhos litterarios que deixou.

II

1. A obra mais antiga do nosso auctor é a seguinte: *Memoria Genealogica, ou Apparato para o tractado das genealogias da provincia de Tras-os-Montes, tirado dos melhores genealogicos e dos cartorios e documentos authenticos, assim antigos como modernos, procurados para este fim* — por Manoel de Queiroga Correia Carneiro de Fontoura, fidalgo por linhagem, cavalleiro na Ordem de Christo, natural da freguesia de Jou, no termo de Chaves e morador na villa de Lamas de Orelhão neste presente anno de 1816.

¹ Carta do Rev.^{do} Parócho das Lamas, de 23 de Novembro de 1895, já citada.

² Carta citada na nota antecedente. E carta do Sr. Castro Lopo, de 31 de Dezembro de 1895.

É um volume in-folio, de 272 fls., com algumas paginas em branco.

À semelhança de outros genealogistas, que não querem deixar os seus credits por mãos alheias, Fontoura trata ali largamente da historia da sua familia. De si, porém, diz sómente: «M. de Q. C. C. de F., cavalleiro professo na Ordem Militar de Christo, e depois Reitor da igreja de Santa Cruz de Lamas de Orelhão, e autor de algũas obras de letetura, algũas já impressas». Esta observação deve ter sido accrescentada posteriormente a 1844, em que appareceu a lume o folheto que em breve descreverei. Posto que o auctor, ao fallar das suas obras, diga «algũas já impressas», não se conhece mais nenhuma nesse caso, alem do mencionado folheto.

O ms. tem letras variadas, o que mostra que Fontoura colleccionou apontamentos de differentes proveniencias.

D'esta obra tirou uma cópia, com prévia auctorização do Sr. Abbado de Miragaia, o Rev.^{da} Manoel Joaquim da Silva Machado, reitor que foi de Bornes: cfr. *A Vida Moderna*, n.^o 26, de 7 de Março de 1895 (Porto).

Vimos, no cap. 1, que o nosso auctor provinha de estirpe nobre; isto explica que, tendo como tinha, inclinação para as investigações historico-litterarias, se lembrasse de escrever a genealogia das familias trasmontanas, e por isso da sua propria. Começando pelos seus, começava bem.

2. Superior á obra precedentemente mencionada é a que tem por titulo: *Apparato de antiguidades romanas explicadas, e collecção prompta de regras, exemplos, e observações theoricas e práticas necessarias para illustração das artes e sciencias; interpretação, intelligencia e perfeito conhecimento dos authores latinos e das antigas inscrições dos marmores, bronzes e medalhas; seus differentes pesos, e valores reduzidos a moeda portugueza, etc.*, — com tres estampas, — por M. de Q. C. F.

Volume in-folio. Algumas das folhas estão só escritas de um lado, como é costume quando se destina uma obra á impressão.

A obra compõe-se de duas partes, que vou analysar.

PARTE I.—Consta de quatro livros, cujas materias são as seguintes:

LIVRO 1. Intitula-se *Diccionario de antiguidades romanas*, e vae de pag. 1 a 319. Da seguinte lista de titulos consta qual a materia tratada: AS, ATHENAE, AVGVV, AVRICA, AVSPEX, BALNEAE, CADVCEVM, CARTHAGO, CATO, CAVDINAE FVRCAE, CENSOR, CICERO, COLONIA, CONSVL, DANAIDES, DENARIVS, DEVCALION, EVTHEMISMVS, FLAMEN, GALLIA, HISPANIA, HOMERVVS, LARES, GENITIVVS, GENIVS, GLADIA-

TORES, MYNICIPIVM, MYTHOLOGIA, NUMISMA, PATRICI, PROVINCIA, SCIENTIA & ARTES, SEXTERTIVS. O auctor trata assim successivamente da mythologia, da historia litteraria, da geographia, da numismatica, da rhetorica, da grammatica. Alguns d'estes artigos constituem verdadeiras dissertações, mais ou menos extensas, como o que se intitula AS e o que se intitula NUMISMA. O artigo DENARIVS foi reproduzido no folheto que se imprimiu em 1844, do qual fallarei mais adeante; a estampa que acompanha o folheto foi collada no ms. do *Apparato*, no logar respectivo. No mesmo folheto foi tambem aproveitado o artigo sobre NUMISMA. A proposito do artigo em que trata da HISPANIA insurge-se com toda a razão contra o que alguns auctores disseram da existencia dos reis fabulosos da Iberia, attribuindo isso ao italiano Fr. João de Viterbo, que o faria para lisongear D. Fernando de Hespanha; todavia a lenda é mais antiga, e podem buscar-se os fundamentos d'ella num passo do historiador Josepho (sec. I), erroneamente interpretado. Lê-se ali: *ἡτοιμασεν δὲ καὶ Θόβελος Θόβελου σίδωρον ἐν τοῖς τοῦ Ἰβηρῶν κατέστροφαι*: *quin et Thobelus Thobelis sedem dedit, qui nostra aetate Iberi vocantur*¹. Josepho não diz se falla da Iberia do Occidente, se da da Asia; por isso S. Jeronymo (sec. III-IV) escreve: *Thubal, id est, Iberi Orientales, vel de Occidentis partibus Hispani*². Estas singelas indicações concorreram para o apparecimento de muitas fabulas de que diversos historiadores das cousas de Hespanha e Portugal encheram longos capitulos das suas obras, povoando de reis phantasticos as regiões da Iberia nas epochas primitivas. De *Tubal* até houve quem supposesse que veio a palavra *Setubal*! Mas não é aqui o logar apropriado para me occupar d'isto, e volto pois ao nosso auctor.

Segue-se ao assunto tratado por Fontoura um Supplemento ao *Diccionario de antiguidades*, com os nomes proprios pelos quaes no tempo dos Romanos foram conhecidas várias cidades, promontorios, rios, etc., pertencentes a Portugal. Se Fontoura junta ás vezes indicações tiradas de AA. gregos, junta tambem nomes como *Callipolis* = «Villa Vigosa», o qual não passa de uma grecização moderna, forjada, como creio, por André de Resende.

LIVRO II. Intitula-se *Lettras e cifras*, e vae de pag. 320 a 358. Consta de dois capitulos: cap. I, *Do valor das lettras do alphabeto latino*, — grande lista de abreviaturas semelhante ás que já vinham

¹ *Opera omnia graece et latine*, Amsterdam 1726, liv. I, cap. VI.

² *Opera*, t. V, Verona 1786, p. 311.

na *Prosodia* do P.^o Bento Pereira; cap. II, *Das notas ou cifras numericas de que usárão os antigos Romanos, e de que ainda hoje se usa.*

LIVRO III. Intitula-se *Chronologia dos reis latinos e romanos, dos consules, dos imperadores, dos cesares e dos tyrannos, etc.*—Vae de pag. 359 a 414. É um resumo chronologico da historia romana até o empo de Romulo Angustulo.

LIVRO IV. Intitula-se *Dos Fastos consulares.* Vae de pag. 415 a 436.—Contém uma estampa que representa uma moeda romana, e outra que representa uma medalha relativamente moderna.

PARTE II.—Contém 146 paginas, e consta de dois livros:

LIVRO I. Intitula-se: *Das inscripções romanas, suas definições e differenças.* Vae de pag. 1 a 132. Transcreve de Grutero, Argote, João de Barros (*Antiguidades de Entre Douro e Minho*) e outros AA. várias inscripções para exemplo das definições e para commentarios historicos. Discute-as e annota-as, classificando-as em: religiosas, funerarias, honorificas, etc.

LIVRO II. *Calendario romano gentilico commentado.* Vae de pag. 133 a 146.—E aqui termina toda a obra.

Do que deixo dito se evidencia que o *Apparato de antiguidades romanas* é obra circumstanciada, noticiosa e erudita.

Carneiro de Fontoura conhece as fontes historicas, e consulta nos proprios originaes os auctores antigos que cita; diz elle a pag. II do discurso preliminar da Parte I: «Só nos monumentos coevos e originaes é que se pôde achar aquella verdade, sem a qual todo o estudo é quasi nullo; faltando esta certeza, e immediata noticia de antiguidade interior, jamais se poderão estabelecer regras de instrucção elemental». Nestas palavras, porém, elle tem em mira principalmente os monumentos. Ellas poderiam servir de norma a muitos litteratos modernos que só sabem fazer citações em segunda mão. O auctor possui espirito claro, vê as cousas com precisão: «o estudo das antiguidades romanas, — nota elle na Parte I, discurso preliminar, pag. II —, é transcendente para quasi todos os estudos, e deve por isto constituir ãa das principaes partes da instrucção pública». O valor especial da epigraphia encarece-o assim no citado discurso preliminar, pag. VI: «os nomes antigos de muitissimas cidades só por meio das inscripções é que tem chegado ao nosso conhecimento; e as situações de outras, mencionadas nos auctores, tãobem nos serão desconhecidas, se não fossem indicadas por estes monumentos, com os quaes, á proporção que vão apparecendo, se vai tambem illustrando a geographia profana, e mui principalmente a ecclesiastica». Do seu espirito critico dá prova

a censura que na Parte II, pag. 81-82, dirige a Argote por este haver aproveitado, sem discussão, as informações archeologicas que recebeu de várias partes. Sem dúvida, Fontoura por vezes não descobre cousas que a critica moderna, melhor armada, descobre; e tambem ás vezes accêita como authenticas inscripções que o não são: mas isto não admira. Elle proprio falla modestamente de si: dispõe de pouco tempo, tem poucas forças, e são «grandes os trabalhos para consultar livros que não ha nesta provincia aonde escrevo, e maior ainda as difficuldades pelo intrincado da materia»; contudo não desanima em levar a cabo a empresa a que metten ombros. (Parte I, discurso preliminar, pag. VII-VIII).

Dedica a sua obra á educação da mocidade. Que saltares conselhos elle dá, nestas palavras do citado discurso, pag. III, aos archeologos principiantes!: «a docil mocidade só deve estudar pelos authores originaes, aprender nelles, e nas inscripções e medalhas, a historia romana».

Apesar de Fontoura mostrar bastantes conhecimentos, estar bem ao facto da litteratura romana e do movimento archeologico do seu tempo, parecer-me-hia pouco prudente publicar hoje na integra o *Apparato de antiquidades*. O que teria sido util nos principios do sec. XIX, seria agora serodio. A análise que acabo de fazer e os extractos que publico adeante bastarão para dar ideia dos meritos de Fontoura.

3. O terceiro trabalho de Fontoura, de que tenho de fallar, é em ordem chronologica o seguinte: *Instrucções de Numismatica, para uso da mocidade estudiosa e dos curiosos em gabinete de medalhas antigas*, — Porto, Typographia Commercial Portuense, 1844, folheto de 40 paginas, com uma estampa. No prologo diz: «Em quanto, pela falta d'hum sufficiente numero de assignantes, continúa a retardar-se a impressão do *Apparato de Antiquidades Romanas explicadas* ¹ obra volumosa, á (sic) muito tempo completa, e já, por vezes, enunciada em varios programmas, e periodicos de huma e outra capital; resolvi, para utilidade dos candidatos, divulgar, antecipadamente, pela imprensa as presentes instrucções de Numismatica, que na mencionada minha obra occupão quatro dos 460 artigos differentes em que ella se divide. Oxalá, que esta pequena parte chegue a subministrar ao respeitavel publico huma

¹ [O A. junta uma nota no fundo da página, onde transcreve por extenso o rosto do *Apparato*, que já vimos acima qual era, e onde dá uma ideia sumária da materia e divisões da obra].

idea perfeita do seu todo, e que ao mesmo tempo impressione nos peitos dos intendedores os mais ardentes desejos, em pró do meu empenho, afim de se não baldarem as grandes fadigas litterarias, que, sempre encadeadas, chegarão a occupar os melhores annos da minha existencia».

O folheto divide-se em dois livros: I) *Instrucções de Numismatica*; II) *Das instrucções numismaticas*,—o cada um d'elles consta de diferentes capitulos. Contém para o tempo, e ainda em parte para agora, para leitores portuguezes, algumas noções uteis. Digo *em parte*, e *para leitores portuguezes*, porque existem no genero muitas obras modernas em francês, italiano, allemão, inglês, que poderão consultar-se com maior proveito. Não é sem certa sympathia especial que fallo d'este livrinho, porque foi um dos primeiros, ou mesmo talvez o primeiro, que me deu algumas luzes de numismatica, ainda durante a epocha dos meus estudos escolares.

4. O quarto e ultimo trabalho de Fontoura é o artigo a que me referi n-*O Arch. Port.*, II, 170, escrito por elle a proposito da inscripção dos *Banienses*, achada em Moncorvo, e hoje existente no Museu Ethnologico Português. Como a inscripção foi encontrada em 1845, segue-se que o artigo é posterior a esta data.

O que se sabe da biographia propriamente dita de Carneiro de Fontoura é demasiado escasso para que possam precisar-se quaes as influencias especiaes que o levaram a occupar-se da archeologia. Como base das manifestações do espirito humano está a propria natureza do espirito. Porque é que um individuo manifesta predisposições para pintor, outro as manifesta para mathematico, este para marinheiro, aquelle para botânico? A sciencia é impotente para responder a taes perguntas, e limita-se a indicar, quando isso se torna exequivel, as causas determinantes de certas manifestações. Assim se comprehende, por exemplo, que, dada a impulsão nativa, irreductivel, do espirito de André de Rêsende para a archeologia, elle encontrasse, quer na sua patria, Evora, que possui interessantes monumentos romanos, quer em viagens que realizou pela Hespanha, Italia, etc., e no convivio de homens eminentes na materia, alimento do fogo sagrado que o abrasava.

A respeito, porém, do que actuou no espirito de Carneiro de Fontoura nada posso, como ponderei, indicar ao certo.

Em Jon e Lamas de Orelhão havia algumas antigualhas, como se verá no Appendice a este artigo: isso porém tem tão pouca importancia

para o caso, que nem vale a pena citá-lo. Talvez a estada em Braga, a vista dos monumentos antigos que lá ha, a familiaridade com um ou outro professor mais instruido, tivessem exercido nelle alguma influencia, bem como o facto de Fontoura ser de familia antiga, — o que até certo ponto desperta o interesse pela historia —, e por ventura as relações com o seu tio Padre da villa de Franco. No entanto, mais prudente é dizer que nada sabemos positivo, do que estarmos a propôr hypotheses pouco fundamentadas.

Carneiro de Fontoura não se limitou a escrever tratados de archeologia; tambem foi colleccionador: pelo menos, ao citar umas moedas romanas e goticas apparecidas perto das Lamas de Orelhão, refere-se ao seu *gabinete*, isto é, á sua colleção numismatica: vid. *Apparato de antiguidades*, Parte II, pag. 120-121.

Como Appendice a este artigo, publico alguns trechos que extrahi do *Apparato de antiguidades*, e que me parecem interessantes. Ahi encontrarão os leitores várias noticias curiosas, e duas inscripções que supponho ainda ineditas. Os meritos de Carneiro de Fontoura ficarão d'este modo mais patentes.

APPENDICE

Extractos do «Apparato de Antiguidades Romanas» de Carneiro de Fontoura

I. Sepulturas prehistoricas

Modorras e dolmens

«Sobre algũas das sepulturas costumavão [os Romanos] amontoar grande quantidade de terra, e a este montão chamavão *agger sepulchralis* ou *tumulus*, pelo que fingiu Virgilio, no liv. III das *Encidas*, v. 62, que Eneas, a respeito do tumulo de Polydoro, fallára assim:

*Ergo instauramus Polydoro fenus et ingens
Aggeritur tumulo tellus.....*

E acrescenta no fim da pagina a seguinte interessante nota:

«D'estes tumulos sepulcraes existem inda hoje muitos por varias partes da provincia de Tras-os-Montes, aos quaes aqui chamão *modorras*, nome bem proprio pelo que significa Na freguesia de Joulogar da minha naturalidade, em terra de Chaves, perto da quinta de Valdegoa, estão dous d'estes tumulos no alto de uma pequena collina, que por isto se chama *Modorra*, e o vulgo a denomina *Modorra*. Em roda do lugar de Zebras, freguesia de Valles, tñobem districto de Chaves, hoje de Carrazedo, existem muito d'estes marachões, principalmente em umas planuras incultas, e pela maior parte cubertas de

algun pequeno mato, ao Sudueste e Poente da dita povoação: dos naturaes alli, por não saberem o que aquillo he, uns lhes chamão *Muradelhas*, e outros *Casas da Moura*. Alguns d'estes montões de terra forão já alli, e em outras partes, escavados, e desfeitos por pessoas que esperavão achar thesouros; porém o que quasi sempre tem apparecido debaixo, he uma especie de cabana formada de quatro ou cinco pedras grandes, á semilhança de columna, postas ao alto, e encostadas umas contra outras; de modo que o cume da tal cabana, ou finda em pont'aguda, ou he cuberto com outra pedra, que lhe serve de tecto. Dentro apparecem quasi sempre carvões, ossos e cinzas dispersas, ou mettidos em urnas. O P.^o Contador, nas suas *Memoorias de Braga*, tom. II, pag. 511 e 512, falla de alguns d'estes montinhos de terra e cabanas dictas, na freguesia de Mondrões, termo de Villa-Real, e de outros muitos na provincia de Minho, aonde os taes montinhos se chamão *Mamões*; e ainda que menciona uma d'estas mamões em que apparecerão algũas pedras sepulcraes, mesmo assim não tem estes marachões por tumulos, o que evidentemente he erro. — Parte II, pag. 20-21.

II. Sepulturas romanas

1) Sepulturas romanas em geral

«Não forão os Romanos tão esmerados e cuidadosos das proprias casas em que vivião, como das sepulturas em que havião de fazer depois de mortos; e isto, ou porque olhavão aquellas só como hospedagens, e estas como habitações perpetuas, ou porque, á semilhança dos Egypcios, a sua maior consolação era, quando morressem, deixar por meio das inscripções e outros monumentos sepulcraes de tal modo perpetuada sua memoria, que jamais esquecessem entre os homens seus nomes, acções e virtudes. Mas, como estavam persuadidos de que se acaso carecessem de sepulturas, não podião suas almas ser admittidas na barca do inexoravel Charonte, sem que primeiro andassem cem annos errantes nas margens dos rios infernaes, por onde devião passar nos campos Elysios, parece que entre elles este motivo, ensinado pela sua religião, seria o mais poderoso para cada um mais antecipadamente cuidar da sua propria sepultura, com toda aquella magnificencia, que permittião os seus teres, dignidades e capricho». — Parte II, pag. 17-18.

2) Sepulturas de tijolo romanas

«Os muitos fragmentos de tijolo, de que inda hoje vemos semeados alguns campos, assaz bem nos certificam que as sepulturas feitas

d'esta materia, erão vulgares nesses tempos [dos Romanos], ao menos aonde não havia pedra de granito ou qualquer outra apta para se lavrar». — Parte II, pag. 19.

3) Sepultura romana de Avidagos

Ao descrever, na Parte II, pag. 18-19, sepulturas romanas «feitas de grandes tijolos, unidos e seguros com pregos e chapas de ferro», diz na nota 2 de pag. 19:

«No anno de 1825 appareceo uma d'estas sepulturas na freguesia d'Avidagos, termo da villa de Lamas de Orelhão. Tinha nove palmos de comprimento, e quasi quatro de largura, á similhaça de uma arca: dous abraçadores de ferro com prégos seguravão a união dos tijolos em cada um dos quatro angulos, e tres grandes tijolos, tñobem ligados com ferros, formavão a tampa, que sobresahia com seu bordo pendente em roda da sepultura, tñobem á similhaça da tapadoura da arca. Dentro estava a urna das cinzas, á similhaça de hum alguidar, e de tudo eu não vi mais que varios pedaços e fragmentos, porque os rusticos que achárão esta sepultura na occasião em que plantavão vinha fizerão logo tudo em miudos, com a pressa de possuirem os thesouros que suppunhão de baixos».

Pela minha parte direi que tambem já encontrei e explorei uma sepultura romana feita de tijolos com uma tampa de marmore segura por varões de ferro.

III. Inscrições romanas

1) De Villa-Flor

«Na estrada, que de Villa-Flor vai para a Torre-de-Moncorvo, e sítio em que os passageiros começam a subir á collina, que separa os campos da Villariça, do rio Sabôr, está uma estalagem denominada da *Silveira*, e em cima de uma das suas portas, para o Sul, uma grande pedra, com a seguinte inscripção, que segundo me parece ainda não foi publicada:

D · M · S ·
ALLIA RE
BVRINA
N XLV H · S ·
ST · T · L ·

*Dis Manibus sacrum. Allia Reburina annorum XLV hic sita est.
Sit tibi terra levis.* — Parte II, pag. 26-27.

O A. faz notar que os AA não estão cortados, e que REBVR-RINA tem um só R.

Esta inscrição não se encontra no vol. II, do *Corp. Inscr. Lat.*

«No mesmo sítio em que eu vi, e copiei da própria pedra a inscrição, que acima marquei com o n.º 9, consagrada aos Manes de Allia Reburina, existe ainda, com varios fragmentos de outras, a seguinte:

D · M
Q · MART
IONI A
XXVIII
H S E
S · T · T · L ·

Aos deuses Manes e a Quinto Marcão, de vinte e oito annos, de idade, o qual aqui está sepultado. A terra te seja leve. A cifra N no fim da terceira regra, vale por AN e diz annorum.—Parte II, pag. 36.—Esta inscrição não vem no vol. II do *Corp. Inscr. Lat.*

É curioso *Martioni* = *Marcioni*. De *Marcio* ha um exemplo no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 773 nota.

2) De Braga

«Inscrição de Braga, onde a vi dentro do pateo e parede das casas dos Barros antigos da rua das Travessas, aonde hoje assiste o conego José Maria da Silva, e diz:

ASCLEPIO
IPHYGIAE
MARCVS
EX VOTO

As letras forão abertas por mão habil, e achão-se bem conservadas, assim como a pedra, que he hum pedestal de estatua com sua tarjeta em roda das letras das inscrições, as quaes forão douradas, como inda claramente se vê.

O A. diz que João de Barros a cita. Queiroga interpreta: *Marco, por voto que fez ao deus Esculapio pôz esta base ou penha á sua effigie.* Pag. 54.—Mas deve ler-se ET HYGIAE. Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2411.

3) De Marialva

«Na villa de Marialva, comarca de Pinhel, está na parede de uma casa particular, a seguinte inscripção, que me foi remettida por pessoa intelligente, que a copiou com todo o esmero:

IMP · CAES · DIVI TRAIANI PARTHICI
F · TRAIANO AVC · PON · MAX · TRIB ·
POTEST · COS · II CIVITAS ARAVOR

Parte II, pag. 85. — Esta inscripção vem com melhor fórma no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 429.

IV. Bracara Augusta

«O sitio de Braga he no melhor clima da zona temperada, debaixo de ceo claro em campo fertilissimo, e espaçosamente plano, quasi na enseada do mar, sitio em tudo a proposito para gosar das riquezas do país e da navegação, que no tempo dos Romanos se fazia grande pelo rio Cadavo, des o mar até o sitio da Furada, a uma legoa de Braga, como prova o Contador de Argote. Era por tanto Braga sobrepujante em qualidades naturaes, e sem fallar nas civis de convento juridico e dictado de *Augusta*, por serem extensivas a outras cidades de menos consideração, Braga, já nesses tempos melhor que agora, se avantajava a todas as da Gallecia, em paralelo com as maiores da Citerior e Ulterior Hespanha; em grandeza, como testeficão os vestigios da sua grande extensão, em trafego por ser praça de negociantes cidadãos Romanos (Grutero, pag. 498, inscrip. 6), em belleza, como nos consta por varios monumentos de seu antigo esplendor, e finalmente na opulencia, como nos consta por Ausonio, no seu tractado *Clavae Urbis*, aonde, comparando Braga com as maiores das Hespanhas, só a esta dá o epitheto de *Rica: Quaeque sium pelagi jactat se Bracara dices*. Mas no que Braga excedeo sempre des os primeiros tempos de Augusto, sem jámais ser excedida por outra alguma cidade, foi na magnificencia dos seus grandes caminhos. Erão cinco os principaes, todos pavimentados de pedras quadradas, e ourelados com suas guardas, todos medidos, e assignalada cada uma das milhas com padrões cylindricos de grandeza desmarcada, em que inda hoje vemos os nomes, e titulos dos Imperadores Romanos, e dos Pro-pretores e legados, que mandarão reformar estes caminhos assim magnificos. Em um destes, a que chamarão *Via Nova* (e depois se chamou Geira porque passava pelo monte Geres) fizeram os Romanos grande ostentação do seu poder,

rompendo montanhas, vencendo alturas, e fabricando pontes, etc. tudo tão profusamente, que elles mesmos intitularão este caminho *Obra grandiosa*, como vemos na inscripção exhibida pelo Contador de Argote, tom. I, pag. 552, que diz no fim della: *Opus amplum, etc.*—Parte II, pag. 93-95, nota.

V. Antigualhas das Lamas de Orelhão

Na Parte II, pag. 120-121, falla de uma povoação antiga que ficava perto de Lamas de Orelhão, «em uma collina proxima, hoje chamada *Muro*, pelas muralhas de que era cercada, de cujas ruinas se edificou a villa nova, em lugar mais commodo». E accrescenta que ali appareceram muitas moedas consulares, imperiaes e goticas. Na Parte I, pag. 311, tem tambem uma referencia a estas ruinas, e diz que a collina é cercada não só de muros, mas de fossos.

J. L. DE V.

Notas e considerações sobre Bragança

Como comprovando mais as razões que expus num trabalho que intitulei *Bragança e Benquerença*, publicado pela benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa em seu *Boletim*, n.º 3 e 4 de 1898-1899, e que me levaram a crer que na collina da Villa de Bragança, antes de D. Sancho I a mandar fortificar, deviam ter existido outras povoações de povos que por aqui estacionaram, sendo uma d'ellas romana, que poderia ter sido a **Brigantia*, tenho agora mais de accrescentar o achado em diferentes pontos d'este local de moedas de cobre romanas que estão no Museu, algumas d'ellas apparecidas em remoções de terras e a uma tal profundidade que indica, bem como a consistencia do solo, que ha muito tempo tinham ficado alli.

Outra informação tambem se me deparou, que é abonatoria do mesmo parecer e que tenho como argumento valioso, posto que não passe de mera tradição. Vem a ser a noticia que li a paginas 125-e de um manuscrito, que comprei a um vendedor de ferros velhos, intitulado *Tombo da Igreja de S. João*, em que, a proposito de uma curiosa e interessante questão levantada em 1643 e decidida em Miranda do Douro sobre as primazias das duas igrejas matrizes de Bragança, Santa Maria e S. João, o parcho d'aquella, que está no ponto mais elevado da referida collina, allega, como um dos motivos de preferencia, a sua antiguidade, dizendo: «Provaria que a Igreja de S.^{ta} Maria Matriz da Cidade de Brag.^a de que elle Embargado he Prior he tão

antiga, que he mays antiga, que a mesma Cidade, no Lugar aonde a mesma Cid.^a hoje está, porque a Cidade de Bragança, foy primeyro o seu assento no Cabeço da Cid.^a adonde ahinda ha signays, e Vestigios dos muros della, e ahinda agora aquelle cabeço hê da mesma cidade, e como se deo as freyras de Santa Clara por a Camara ser padroeira do Mosteyro ahinda hoje em dia rende para as freyras, e por assim ser. Provaria que sendo outro em Lugar donde agora está fundada a mesma cidade, e hum sardual muy espeço os muradores da mesma Cidade quererião no Cabeço assim dito, e mandarião seos boys e gados apastar ao dito sardual adonde pellos pastores foy achada em hum sardão a Imagem de Nossa Senhora de vulto, que está na mesma Igreja Matris, e por essa razão athe hoje em dia se chamou sempre, e ahinda hoje em dia se chama Nossa Senhora do Sardão, e logo se lhe fes a Igr.^a para ella estar, e vendo os moradores da Cidade velha de Brag.^a, que estava no Cabeço antigo os milagres que a Senhora fazia se mudarão do dito cabeço com sua fazenda e cazas para junto da Igreja da Senhora, e assim se começou a Cidade de Brag.^a adonde agora está por honde se vê que he mays antiga que a mesma cidade e assim he erro dizer que ha Igrejas tão antigas como ella na cidade.

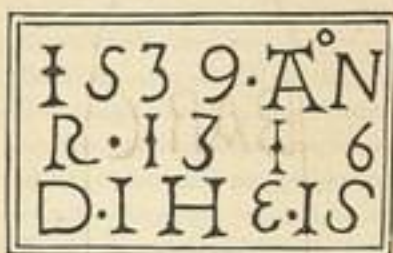
O «Cabeço da Cidade», hoje *Cabeço das Freiras*, fica seis kilometros e meio em linha recta a nascente de Bragança, sobre o rio Sabor, e muito abaixo da ponte de Valbom, no caminho velho que vae para Miranda. Ainda lá se vêem restos de um castro e signaes em forma de ferradura numa fraga. Não é crível que fosse alli o assento primitivo da cidade de Bragança, porque a distancia, condições topographicas e outras razões contrariam por complete o parecer do prior. Era mais verosimil que o Sardão pertencesse ao Castro de Avellãs, Gimonde, Samil, ruínas da Deveza de Villa Nova e a outras estações archaicas que distam metade ou pouco mais de metade do espaço que o separava do dito «Cabeço da Cidade», assim chamado, talvez, por pertencer á Camara de Bragança, como agora se chama «das freiras», por haver pertencido ao convento de Santa Clara.

Mas não; a lenda do apparecimento da Senhora é que tem para nós verdadeira significação, que confirma o ter existido na collina da Villa uma povoação dos primitivos povoadores d'estes sitios. Lendas d'estas e outras analogas, taes como as que se contam em varias partes, Sacoias, Carocedo, Sant'Anna de Ervedosa, etc., são indicação certa de haver nos locais a que ellas se referem vestigios de estações da epoca romana ou luso-romana. Esta coincidência, que, embora repetida, dúvida não nos deixa, a admittir nos leva com segurança, que o mesmo se deu neste local, como havíamos conjecturado.

Neste mesmo tombo achamos também as seguintes noticias relativas ás antiguidades de Bragança, que, por curiosas, entendemos serem dignas de se registar. Assim a paginas 126-e, tratando ainda do mesmo pleito, o prior allega que: «Provaria, que Igr.^a de S. João foy fundada por hua Maria Pires de Moiaes, e por isso seo corpo estava em hua sepultura na parede da dita Igreja para a porta do Adro, e na Taboada velha das reliquias e indulgencias da dita Igreja que está em poder do Embargante estava nomeado dia certo do anno em que ganhava indulgencia plenaria, que a mesma Igr.^a, e rezão pella alma da dita defunta Maria Pires, e assim o declarava Sebastião Roiz cura na mesma Igreja, o domingo antes daquelle dia etc.».

Fazendo a resenha dos bens da Igreja, a paginas 24-e vem: «Hua caza, que deixou Anna Gonçalves mulher que foy de Gaspar Vas Caminheyro, que está na Rua da Mesquita hoje é a Rua chamada dos Oleyros, que parte com a mesma rua e com esta do L.^{da} Sbastião da Guarda e esta obrigada uma missa ao Espírito Santo». Esta rua chama-se hoje «de Santo Antonio» e a sua antiga denominação da «Mesquita» provir-lhe-hia de algum templo mourisco? Se provém, é o unico vestigio que se conhece da estada dos Arabes aqui.

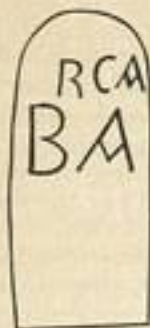
Tambem no referido *Boletim*, tratando da Santa Casa da Misericordia, não errámos o juizo que formámos da sua antiguidade, como se vê na copia $\frac{1}{10}$ da lapide de granito que está mettida na parede sul da sua igreja, e pela qual só agora se deu, ao fazerem-lhe algumas reparações:



Ella mostra haver pertencido a outro templo anterior ao actual, que é de construção moderna. A cantaria tem já algumas depressões ou móssas que deixam em duvida se a 2.^a linha seria escrita assim:

R. I. 3. I. 6. No resto da inscripção não ha duvida.

Razão tínhamos para dizer o que expusemos n-*O Arch. Port.*, v, 184, a respeito da leitura e significação da inscripção que alli se trata, porque, já depois do que escrevemos, vimos mais nos mesmos casos que as primeiras, que despertaram a attenção, e todas em pedras a dividir terminos; e agora sabemos, por informação do illustrado Rev. Conego José Maria Ferreira, existir uma no sítio de Mornortas, que divide os termos de Santa Comba e Moredo, concelho de Bragança, com esta inscripção



tendo as letras inferiores o dôbro do corpo das superiores; e que é fóra de duvida que quer dizer BARCA, estando escrita por aquella maneira na pedra, por não caber na sua largura de outro modo. O mesmo quer dizer esta copia de outra que o Rev. Parocho de Sendas, tambem concelho de Bragança, me mandou



e em que não se vêem mais letras, mas de presumir é que o A que lhe falta esteja por cima, ainda que já gasto, e por isso mal se perceba e o não copiou.

Bragança, Novembro de 1901.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Projecto de um Museu Archeologico em Setubal

Das noticias a baixo transcritas se vê que se projecta fundar um Museu em Setubal. Comquanto eu pela minha parte me esforce sempre por trazer para Lisboa, para o Museu Ethnologico a meu cargo, todas aquellas antigualhas que encontro perdidas, mal estimadas ou deslocadas pelas provincias,—e dos arredores de Setubal algumas tenho tambem trazido—, nem por isso deixo de ser apologeta da fundação de museus locais: cfr. *O Arch. Port.*, I, 18 (Serpa), 30, 223 e 301 (Leiria), 37 (Villa Real), 175 (Moncorvo), 254 (Lagos), II, 272 (Villa Real), 78 (Braga), etc. Não direi que se funde um museu em cada villa, mas pelo menos devia haver um em cada cidade, ou em cada capital de districto. Se já temos Museus Archeologicos em Faro, Beja, Elvas, Alcaçer do Sal, Lisboa, Santarém, Figueira, Coimbra, Porto, Guimarães, Bragança, ha ainda regiões como a Beira Baixa e a Beira Alta, districtos como Leiria, onde não existe nenhum. Em Vianna do Castello creio que existem no lyceu algumas antiguidades. Em Braga está o Sr. Albano Bellino, com louvavel desinteresse e actividade, organizando um Museu Archeologico no paço archiepiscopal, com os proprios objectos que elle tem colligido. Setubal, como capital da península da Arrabida, como cidade rodeada de estações archeologicas, entre as quaes avulta a de Troia, que é uma das mais celebres do país, merece bem um Museu Archeologico; e por isso é digna de entusiastico applauso a ideia da fundação proposta. Se a Ex.^{ma} Camara pudesse adquirir a collecção que pertenceu ao fallecido Almeida Carvalho (cfr. *O Arch. Port.*, I, 59), teria nella um excellento começo de museu.

J. L. DE V.

Museu em Setubal

Todos sabem quanta somma de conhecimentos accumulados representa um Museu e que factor importante se torna na educação de um povo, principalmente quando, como o nosso, não lhe sobram tempo e cabedades para procurar fora a instrucção que é uma necessidade do espirito, como o pão uma necessidade do corpo. Criar um Museu é abrir uma escola, é rasgar um parentheses de luz na vida de uma terra.

Nós, que de ha muito advogamos com ardente fé e enthusiasmo a criação de Museus Regionaes, não podemos senão applaudir e regosijar-nos com o bom e animador acolhimento que os membros da Camara Municipal, reunida na penultima quarta feira sob a presidencia do Sr. Venancio Olympio Ferreira Torres, fizeram á representação promovida pela distincta escritora D. Anna de Castro Osorio e seu marido, o nosso prezado collega Paulino de Oliveira, e que o vereador Sr. Henrique Augusto Pereira, a seu pedido, apresentou.

Tem esta representação por fim requerer á Camara para que faça instalar na sua pertença, a chamada capella do Corpo Santo, o Museu que tanta mingua faz nesta terra.

Os membros da Camara que estavam reunidos approvaram a ideia, ficando de ir brevemente tomar conhecimento do local, para, depois do seu exame feito, responderem definitivamente.

Temos pois boas esperanças de que será accete a ideia d'aquelles senhores, porque só quem não conhece o *Corpo Santo* pode consentir sem amargura em tê-lo fechado, entregue a uma associação de pescadores, que, por sua honra e é de justiça dizer-se, a tem conservado melhor do que talvez outras pessoas mais illustradas o fariam... Entregando-a como está, esta associação dá prova da sua boa educação civica, e a Camara decerto não lhe regateará casa, que as tem com fartura, onde ella se reuna.

Estando votada a criação do Museu, a Camara não tinha ainda pensado no local onde seria installado; temos pois esperança de que se resolva fazê-lo no *Corpo Santo*, o que será caso para darmos parabens á Camara que tal fizer, e á cidade que ficará dotada com um Museu encantador.

O que seja o *Corpo Santo* e as suas vantagens como Museu de Setubal os nossos leitores o verão no nosso proximo numero, em que tencionamos publicar a referida representação.

Será a melhor maneira de poder ser apreciada tão bella ideia, patrocinada por grande numero de pessoas de vasta cultura intellectual d'esta cidade, e que o povo, que tantas vantagens educativas pode auferir de tal criação e installação, certamente applaudirá.

(O Sol, 24 de Novembro de 1901).

Como promettemos, publicamos hoje a representação dirigida á Camara Municipal de Setubal sobre a fundação de um Museu no edificio do *Corpo Santo*:

III.^{mas} e Ex.^{mas} Srs. — Sendo Setubal uma das mais formosas terras do país, aquella onde parece que a natureza caprichou em juntar os seus melhores dons, como um clima doce, um céu de esplendido azul, aguas de transparencia e limpidez incomparaveis, pomares, pinhaes, serras pittorescas, valles amenos, tudo que a poderia tornar a estância mais famosa e linda de Portugal, carece quasi por completo de uma sã orientação artistica que dê aos seus habitantes uma alta e nobre noção da Arte e lhes ensine a usar intelligentemente os beneficios tão prodigamente espalhados neste recanto privilegiado.

Parece-nos, pois, Senhores, que a criação de um Museu, que seja ensino do passado e incentivo para o futuro, é da mais urgente neces-

sidade numa terra que deseja progredir, não somente pelo numero das suas fabricas e enriquecendo as industrias e o commercio, como educando os seus filhos e mostrando aos estranhos que, a *pari passu*, se vae engrandecendo materialmente, vae educando a intelligencia, rasgando vasto campo para se exercerem as aptidões artisticas do povo, que as tem incontestaveis.

Nas vossas mãos está hoje entregue a direcção do Municipio, e por isso a vós nos dirigimos para que nos auxilieis com o vosso concurso para a criação de um Museu Regional, que se nos antolha ser um dos melhoramentos inadiaveis numa cidade da importancia da nossa.

Se fossemos bastante ricos para edificarmos uma casa com todas as condições que a hygiene requer nas modernas habitações hospitalares, de construção ligeira, rez-do-chão, bem arejada, e dividida propositada para o fim a que se destinava, não hesitaríamos um instante em propôr á Santa Casa da Misericórdia a troca por essa joia de inestimavel preço que se chama Convento de Jesus. Ahi instalaríamos o Museu que Setubal requer, nessa casa que já por si representa um momento unico de grandeza na historia artistica do país, e que hoje, embora menos mal conservado, não é respeitado como devem ser os monumentos de arte, visto que as adaptações, por melhor que ellas se façam, nunca podem passar de triste remedio, e, quasi sempre ainda os mais criteriosamente dirigidos, são mutilações desastrosas para a esthetica. Mas, infelizmente, não dispomos de recursos monetarios, e tão somente de muito boa vontade de servir a nossa terra.

E, porque nas vossas mãos está dotar esta bella cidade com o mais artistico e suggestivo Museu que poderíamos sonhar, a vós nos dirigimos, Senhores, conscio de que vos fazemos um bom serviço.

Pequeno é o edificio em que pensámos, nem por enquanto poderemos pensar em grandezas, porque nos ha de ser ardua tarefa reunir objectos numa terra ha tantos annos posta a saque pelos amadores de fora, e que, com a mais inconsciente indifferença tem deixado levar as suas melhores cousas; mas a casa já de si é digna de figurar como preciosidade no Museu de arte que alvitramos. Como decerto já vos occurren, referimo-nos ao que vulgarmente se chama «Capella do Corpo Santo», e que de capella pouco ou nada tem, a não ser o oratorio, todo de magnifica talha dourada, por estranha fortuna em regular conservação.

Numa cidade que possuisse arte ás mãos cheias, o «Corpo Santo» não seria para desprezar; em Setubal, em que a carencia de monu-

mentos e objectos de arte é muito sensível, elle devia ser exposto com envaidecimento aos seus hospedes e tratado com o intelligente carinho com que se cuida nos países civilizados de todas as manifestações de genio artistico.

Parece-nos, pois, Senhores, que não poderá continuar aquella preciosidade no desconhecimento de tanta gente, e quasi totalmente entregue ao bafio do abandono de velha casa deshabitada e trancada. Porque aquelle edificiozinho, que algumas cousas de custosa valia enthousoura, só de vez em quando é aproveitado para reuniões de uma associação de pescadores, que, — diga-se de passagem, para honra d'elles, — não o teem tratado com o vandalismo que a sua ignorancia nos faria suppôr, — differençando-se nisso de algumas pessoas de educação ou de posição elevada que já por vezes o teem esbulhado.

Não é digno, Senhores, de uma cidade civilizada, como se preza de ser a nossa, que se continue a deixar aquella casa tão artistica, ou a servir de associação de maritimos, ou a estar fechada a sete chaves, custando horas e dias de trabalho o desejo de a mostrar a alguém que precure conhecer Setubal.

Afigura-se-nos, Senhores, que de maneira nenhuma ella seria utilizada melhor do que num pequeno, mas bello Museu local, porque tem condições para isso, na independencia, forma caracteristica do seu pateo e escadaria, (que muito bem serviriam para expormos tudo aquillo que, recozido pelos tempos, a chuva e o sol não podem prejudicar), na amplidão das suas portas e janellas rasgadas, na decoração das paredes e tectos das suas salas. Dupla e nobremente poderemos servir a terra em que exercemos as nossas actividades: dotá-la de um Museu para recreio dos olhos e do espirito, e resgatar um edificio do olvido, dando-lhe o unico aproveitamento condigno que deve ter.

E porque estamos convencidos da grande justiça do nosso pedido, a vós recorreremos, esperando a graça da vossa criteriosa attenção e do vosso prompto deferimento.

E. R. M.^{es}

Setubal, 24 de Outubro de 1901.

Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal de Setubal.

D. Anna de Castro Osorio—Paulino de Oliveira—Dr. João Carlos Botelho Moniz—Manoel Maria Portella—D. Carlos Pereira Coutinho—Dr. Luiz Teixeira de Macedo e Castro—Dr. Antonio Carlos da

Costa Botelho Moniz—Antonio Ignacio Marques da Costa—Dr. Francisco de Paula Borba—Dr. Francisco Joaquim Ayres do Soveral—Dr. Augusto Cesar Loforte—Dr. Domingos Garcia Peres—José de Groot Pombo—José Antonio Pinto—Dr. Apparicio Alberto Fernandes Calheiros—Luciano de Carvalho—Dr. Manoel Antonio Affonso Salgueiro—D. Joaquina Guerreiro Henriques—Jorge Fernandes Gomes—João José Pinto—Alfredo Augusto Portella—Alfredo Leite Miguens—Joaquim Brandão—Arronches Junqueiro—Antonio Pedro Cardoso Junior—Dr. Joaquim Simões Cantante—Joaquim da Costa Novais—Manoel Maria Portella Junior—José Maria da Silva—Henrique O'Neill de Groot Pombo—João Maria Cardeal Rocha—Julio Augusto de Oliveira.

(*O Sul*, 1 de Dezembro de 1901).

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

20. Associação Francesa do Progresso das Sciencias

Esta Associação votou, em sessão de 16 de Março de 1898, a quantia de 12:500 francos para a publicação de trabalhos scientificos, e excavações archeologicas em dolmens, cavernas e outras estações antigas.

(*Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie*, viii, 167).

21. A Citania de Roriz

«A Citania de Roriz, na freguesia de Eiriz, do concelho de Paços de Ferreira, districto do Porto, apresenta importantes vestigios archeologicos, muito semelhantes aos da Citania de Briteiros e dignos de que o estado proteja a sua conservação. Acontece, porem, que o terreno da Citania de Roriz está hoje na posse de diversos proprietarios, o que faz recear que se não mantenha a unidade d'aquelle monumento e que, pelo contrario, elle seja retalhado ao arbitrio de cada proprietario ou de todos elles. No interesse da conservação da Citania de Roriz, o Conselho Superior dos Monumentos Nacionais chamou a attenção do Governo para tal assumpto, a fim de, pelos meios que julgar mais efficazes, providenciar no sentido de garantir a integridade d'aquelle monumento archeologico».

(*O Seculo* de 8 de Novembro de 1901).

Estatua de um guerreiro lusitano

Numa das sessões da Sociedade dos Antiquarios de França, «M. Eude, associé correspondant national, présente la gravure de trois vieilles statues lusitanes, publiées pour la première fois par une revue portugaise [*O Archeologo Português*, II, 29]¹. Ces statues en granit, fort grossières, dont deux n'ont pas de tête² et dont aucune n'a de pieds, sont intéressantes au point de vue du costume et de l'armement. Le sayon s'arrête au-dessus du genou. Les bras sont nus. Le bouclier représenté sur deux des statues est rond et fort petit, répondant à l'indication de Strabon: *le diamètre du bouclier des Lusitans n'est que de deux pieds*. L'arme représentée est un poignard. Il faut remarquer qu'il est placé à droite. Ces statues étaient sans doute des effigies tombales. Peut-être faudrait-il les rapprocher des monuments d'Olerdola (Catalogne), ayant grossièrement la forme d'un corps humain. Sur les anneaux dont deux des statues sont ornées, M. Eude se propose de faire une autre communication»³.

O artigo publicado por mim no citado numero d'*O Archeologo* foi também objecto de uma referencia do Sr. Rocha Peixoto, ao reproduzir na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, 181 sqq., dois artigos do Sr. Martins Sarmiento e um do Sr. Figueiredo da Guerra.

Aos exemplares conhecidos, de estátuas de guerreiros lusitanos, posso agora juntar mais um que adquiri para o Museu Ethnologico Português, por intermédio do Sr. P.^e José Raphael Rodrigues, collaborador d'*O Archeologo Português*. Foi encontrado num campo, ao pé da povoação de Capelludos, concelho de Villa Pouca de Aguiar, nas faldas do monte do Crasto, na qual ha ainda restos de muralhas de um antigo *oppidum*.

A estátua é de granito, como as outras que existem no país, mas distingue-se de todas ellas por o guerreiro estar representado com capote na cabeça. Faltam-lhe, porém, já os membros inferiores, estando pois a estátua reduzida á maior parte do tronco, aos membros superiores e á cabeça. (Vid. fig. 1^a).

¹ [As estátuas inéditas eram só duas].

² [Nenhuma d'ellas tem cabeça. A de uma d'ellas é moderna].

³ *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*, 1896, p. 359.

⁴ Gravura feita segundo uma photographia tirada pelo Sr. Maximiano Apollinario.

Examinemo-la de perto. O capacete é, como disse, conico; o vertice acha-se um tanto esmurrado, o que torna o capacete um pouco mais baixo do que era primitivamente. Como na posição em que foi tirada a photographia não era possível ver o capacete por completo, dou aqui (fig. 2) o desenho especial d'elle, tirado de frente, em toda a extensão¹. A face não tem expressão; os olhos são dois buracos informes; das arcadas orbitarias só a direita sobressae um pouco; o nariz está também esmurrado; a boca torta; toda a fronte oblonga e achatada. As orelhas são muito apparentes, mas toscas: a direita está es-



Fig. 1.^a — Fragmento da estatua do guerreiro lusitano

murrada, com parte da cabeça, d'este lado; a esquerda não passa de uma saliência redonda, com um orificio no centro. O pescoço é grosso e curto; os ombros baixos. O artista quis significar que a figura che-

[¹ Capacetes conicos de diferentes formas são conhecidos em muitos povos antigos. Cf. *Revue Arch.*, 1866, 1, p. 261; *Musée préhistorique*, n.º 255; *Compte-rendu du Congrès de Moscou*, II, 342; *Notizie degli scavi*, 1894, p. 306; Alex. Bertrand, *Le casque de Berra*, Paris 1875; Chantre, *L'âge du bronze*, I, 146; *Dict. des antiquités de Darcenberg & Saglio*, s. v. *galea*; Cesnola, *Cypriote antiquities*, Berlin 1885, est. xxxix sqq.; *Bullet. et mémoires des Antiqu. de France*, 1895, p. 275.

gava com a mão esquerda a um escudo pousado verticalmente sobre o peito e abdomen; todavia a mão não se vê, por causa da imperfeição artistica; apenas avulta o ante-brço, que faz angulo com o braço: um e outro cingidos ao corpo. A parte superior do braço direito esmurrada, e este junto ao corpo; o artista quis tambem significar que a figura segurava na mão direita um objecto, mas a mão não se vê, apenas o ante-brço fórma angulo com o braço, embora menor que o do lado esquerdo; do objecto seguro pela mão distingue-se só parte, que deve ser o cabo informe de uma espada curta, como a que se vê por inteiro nas estátuas de Fafe e de Vianna do Castello¹ e nas de Montalegre (hoje no jardim real da Ajuda)². A baixo do escudo apparece ainda parte do abdomen, e a cima parte do peito descoberto. O escudo destaca-se do corpo do guerreiro em toda a extensão, menos no ponto que corresponde á mão esquerda que se suppõe que o toca: é levemente convexo, e com um botão ou *umbo*, que sobresaie um pouco ao centro



Fig. 2.^a — Capacete do guerreiro lusitano

e é tambem levemente convexo; os bordos do escudo continuam-se insensivelmente com o corpo do guerreiro. O escudo tem de diametro 0^m,34, e o *umbo* 0^m,12. No tronco não se figurou nenhuma correia para se suspender o escudo; a cinta é lisa, e o escudo tem, como disse, o aspecto de estar seguro pela mão esquerda.

Observemos agora a estátua pelas costas. Estas apresentam ao longo, verticalmente, um sulco, que corresponde ao sulco natural. Vê-se a saliência dos braços; a do direito maior que a do esquerdo. — D'este lado a pedra apresenta duas fendas ou rachas: uma longitudinal, parallelá á espinha dorsal, e á direita; outra obliqua, á esquerda.

¹ Vid. os desenhos d'estas — *O Arch. Port.*, II, 30-31.

² Vid. os desenhos d'estas n.º *O Occidente*, IX, 248; e em Christovam Ayres, *História do exército português*, I, 254-255.

Como falta a parte inferior do corpo, não se sabe se a estátua estava ou não vestida com um saio, como as mais congêneres. Nem no pescoço nem no que resta dos braços se percebe axorça alguma; tanto estes como aquelle são lisos.

A estátua, no seu estado actual, mede de altura, desde o topo do capacete, até baixo: 1^m,16 a 1^m,17; de largura, contada de ombro a ombro 0^m,61; a espessura do tronco, contada em baixo, é de uns 0^m,33.

O trabalho da estátua é muito grosseiro; um dos braços (o esquerdo) é até menor que o outro; o escudo, comparado com o das outras estátuas, pousa muito a cima. Temos aqui sem dúvida um exemplar da arte dos rudes Lusitanos de Trás-os-Montes, exemplar inteiramente comparavel, quanto á execução e ao uso, aos célebres *berrões* ou figuras de porcos, também de pedra, da mesma provincia ¹.

Tanto os guerreiros, como os *berrões*, serviam para serem postos sobre sepulturas, o que se prova pela inscrição que se lê na estátua de Vianna e pelas que se lêem nas dos *toros* de Hespanha, que são semelhantes aos nossos *berrões* ². O costume de collocar estátuas sobre sepulturas é bastante espalhado. Muitos povos crêem que as almas dos mortos passam de preferencia para as estátuas ou retratos feitos á imagem do defunto. Não será também estranho a alguns d'estes costumes dos nossos maiores o *totemismo* ³.

J. L. DE V.

Museu militar

«Consta-nos que o Sr. General Castello Branco, benemerito director do Museu do Arsenal do Exército, vae organizar uma nova sala com os modelos dos uniformes do exercito, desde 1740 até a actualidade, segundo estudos e *croquis* do Sr. Tenente-Coronel Ribeiro Arthur, um illustre escritor e um distincto aguarellista.

Ao centro da sala será collocada a estatua symbolica da *Guerra*, esculptura de marmore do nosso glorioso esculptor Teixeira Lopes. Em volta, em manequins adquiridos na Allemanha, são exhibidos os uniformes militares desde a data que já indicámos.

¹ Vid. figuras d'estes *berrões* n-*O Arch. Port.*, 1, 236-237.

² O nome popular d'estes quadrupedes de pedra na Hespanha é *toros de Guisando*; entre nós adquiriu fama a *perca de Marça*, que pertence á mesma classe.

³ Cf. Alviella, *L'idée de Dieu*, p. 123. Estátuas nos tumulos: *ibid.* o cf. p. 124. Honras prestadas á effigie dos mortos: *ibid.*, p. 140. Estátuas funerarias na Nova Guiné: *Mélasine*, iv, 48; em Alasca: *Smithsonian Report*, 1888, p. 352.—Sobre a Hispania em geral: Hübner, *Monum. ling. Ibericar.*, p. cxvi.

A esta sala será dado o nome do Sr. Ministro da Guerra.

Deve ser uma das salas mais interessantes d'aquelle museu, que nos faz honra. Utilissima para o estudo da historia dos uniformes, pittoresca e brilhante como decoração d'aquelle notavel estabelecimento.

É o que se faz no estrangeiro. Na ultima exposição de Paris, a historia dos uniformes dos grandes exercitos da Europa estava feita por aquelle modo attrahente e de rapida comprehensão.

Ficará o museu devendo mais este embellezamento e valioso serviço ao Sr. General Castello Branco, seu dedicado organizador, que naquellas admiraveis installações tem um honroso testemunho do seu culto espirito e da sua fervorosa alma de patriota.

(O Seculo de 21 de Novembro de 1901).

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

413. Riba Pinhão (Trás-os-Montes)

Imagem encontrada dentro de um sino

«Ha nesta minha freguesia no sitio chamado Saudel que fica em hũ alto e com pouca distancia desta Igreja em campos que se cultivão, e dam toda a casta de pan e feijões hua cappella que tem labios (*aliás* laivos) de Igreja por ter capella major e corpo de Igreja fabricada com toda a bizaria por estar ajolejada e co teto de paineis que constar (*sic*) a Illustrissima e real ascendencia da Virgem Nossa Senhora de cuja invocação he a mesma capella com o titullo de Nossa Senhora da Saude cuja imagem he de vulto muito antiga que por tradiçam se dis que foi descuberta naquelle citio por hũa pastora que apasentava gado achando a dentro de hum sino admiravel que está nesta Igreja». (Tomo xxxi, fl. 508).

414. Ribeira de Olival (Estremadura)

Inscrição em latim

«A cappella de N. Senhora do Testinho que está no luguar do Estreito com sua Imagem da Senhora disce todos os Domingos e dias santos missa na dita Capella por conta do Ex.^{mo} Conde de Castello Milhor que a erigio no tempo que andava fugitivo com cujos alcances vinha huma tropa, e aonde hoje he a cappella abatido e o culto, escapou, e levantou aquella Igreja em memoria, com a invocação do

Testinho por trazer consigo hum preto em que estava esculpido a Senhora, que por milagre munto o estimava, e assim se da a conhecer pella inscripção que esta sobre o portico que he da forma seguinte:

HIC VBI PER MULTAS HEBDOMADAS LUDOVICUS
A VLL.^{OS} ET SOUSA COMES CASTELLI MELIORIS IN
SUIS AERUMNIS VNA TUTELA SS.^{AE} VIRGINIS, AB INVOCATIONE
A TESTULA INTUTO FUIT, HOC SACELLUM EREGI
IN FIDE. ANNO CIO. DC. LXXXVII.

A esta capella concorrem algumas pessoas por ser milagrosa». (Tomo XXXII, fl. 608).

415. Ribeirão (Entre-Douro-e-Minho)

Engenho de pesca

«Nesta paragem, já disse, corre o rio Ave de Nascente a Poente no distrito desta freguezia sam as suas margens cultivadas: tem tres azenhas de moer pam com suas (*sic*) açudes: no distrito dos meeyros tem duas: na ultima está o celebre engenho de pescar peixes que he feito de coatro hastas de ferro como braços de sarilho, tendo na ponta de cada hũa pendente para a pendente para a parte aonde deita os peixes hum cestinho feito com rede de arames; he tangido pela mesma agoa da corrente: foi invento do Padre Bras da Silva Tavares, senhor da mesma Azenha, e morador na aldea da Povoação dos meeyros a esta freguezia e inda vive a sua imitação se tem feito muitos em varias partes e não descreve todo o artificio com mais individuação, por ter noticia que outras pessoas o tomaram por empresa». (Tomo XXXII, fl. 629).

416. Rio Caldo (Entre-Douro-e-Minho)

A pedra de Santa Eufemia

«Ha nos Lmites desta freguesia no monte chamado o alto da Cobreyra asima do lugar da Scara hũa pedra com bastante grandeza e nella se acham sinais vestigios, ou pegadas debuxadas, e escritas assim das plantas como dos joelhos que dizem por tradiçam dos antigos, serem de Santa Eufemia, filha de Cayo Atillio e de Dona Calcia gentios e que por estes montes handara fazendo penitencia retirada da presiguiçam do gentilismo: os mesmos e semelhantes vestigios se acham em hũa pedra, que se acha a cruz do Touro e outros muntos na freguezia de Covide onde dizem fora martyrizada». (Tomo XXXII fl. 669).

417. Rio Covo (Entre-Douro-e-Minho)

Sepulturas

«Nam ha mais couza alguma notavel nesta freguezia que se possa descrever; somente na Igreja parochial algumas sepulturas de pedra com suas tapaduras antigas em que se devizam huma espada e hum modo de cruz que tambem nas cazas da rezidencia delles se acham». (Tomo XXXII, fl. 675).

418. Rio de Couros (Estremadura)

Caixão de pedra

«Não acode a ellas (*ermidas*) gente de romage, mas sim á igreja, por devoção a Nossa Senhora da Natividade, que commumente em vocabulo vulgar, se chama de Rio de Couros. Em todo o anno concorre povo, mas principalmente em 15 de agosto e a 8 de setembro por ser esta imagem de muntos e grandes milagres, cujos principios não tem memoria. E alem dos mais milagres de menos nota, contase que troucera de terra de Mouros hũ christão que lá era cativo e que fechando-o seu senhor á noite em hũ caixão de pedra o achava pela manhã solto e o caixão fechado e perguntado quem o soltava? respondia que hũa senhora que tinha na sua terra, a quem todos os dias rezava o Rozario: o que querendo saber o senhor se meteo com o christão no caxão, e ouvindo pelo dicurso da noite tocar sinos perguntou ao christão se avia na sua terra campannas; e dizendo o christão que sim entendeu o Mouro o mysterio ou milagre e disse: estamos na tua terra; athe agora foste men cativo, agora serei eu teu e apportando na caza da senhora se fez christão etc.

Assim se conta por tradição antiquissima e supposto que não haja prova autentica há porem muitos motivos para que seja digno de fêe. 1.^o porque aqui se conserva o dito caxão de grandeza de hũa arca grande jnteiriço (supposto abrio ja hũa fenda) de grosura de dous dedos; e de qualidade de tal pedra que tem apparencias de seixo mas com effeito não he; pois se desfás facilmente e muntos enfermos tem conseguido melhorar com o seu pó raspado do tal caxão. 2.^o Porque há razois para se presumir que suposto ouvesse papeis donde podesse constar esta ou outras maravilhas e prodigios tudo ficaria consumido na ruina que padeceo esta terra no tempo de que não ha memoria. Mas bem se mostra, que foi terra grande e que padeceo ruina. Por quanto achando-se neste sitio só a caza da Senhora, e fazendo-se della igreja matrix se tem descoberto varios caxões com ossos de defuntos, assim dentro como fora da igreja, grandes e gro-

soz tejos, telhas e pedras encaçadas. E isto mesmo se tem achado por toda aquelle circuito quando se planta, ou arranca alguma oliveira.

3.º Porque sendo visto este caxão de muita gente de varias terras, não ha quem conheça pedra semelhante em Portugal». (Tomo XXXII, fl. 686).

419. Riudades (Beira)

Etymologia

«A respeito do nome de Rio de Ades ha duas tradições e ambas com bastante probabilidade: huns dizem que esta povoação se chama Rio de Ades por serem Ades, pasaros que no rio Tavora andão com frequencia no tempo do inverno, principalmente neste pais e que por esta couza se apelida o luguar Rio de Ades¹; outros affirmão que antiguamente se chamou Rio de Aguias por aver somente neste destrito copia destas aves que se crião e tem sua habitação nos grandes pinhascos do rio Tavora». (Tomo XXXII, fl. 692).

420. Rio Frio (Entre-Douro-e-Minho)

Torre

«Tem havido nesta freguesia huma Torre antiquissima que ainda muitas pessoas que lhe lembra della, da qual ainda apparecem vestigios, cujo sitio ainda conserva o seu nome chamado a Torre». (Tomo XXXII, fl. 718).

421. Rio de Gallinhas (Entre-Douro-e-Minho)

Ponte da Aliviada

«A couza mais nottavel que nestes Rios se admira, he, que depois de este se juntar com o de Ovelha, e antes de chegarem ao Tamega, passa pello sitio da Aliviada aonde tem huma alta ponte de pedra na estrada que vay para Amarante, entre as freguezias de Fornos, e São Martinho da Aliviada, terra de muitos penedos, que encostados huns aos outros no fundo de dous altos montes, fazem abobeda, por baixo do qual passa o Rio, que por mais candellozo que corra nos enchentes do Inverno se não vê agoa na distancia de tres tiros de espingarda; e dezião os antigos que ali hera a boca do inferno, e que debaixo daquellas concavidades se tinham tirado pessoas vivas,

¹ No Livro I de *Inquirições* de D. Affonso III (ainda não publicadas), fl. 179, vem «ecclesia de paredes et de Rino de Aades». Na *Revista Lusitana*, v, 121, nota, e 160, o Sr. Leite de Vasconcellos dá a etymologia á n.ª e s.ª. Quanto a Dade (concelho de Viseu), parece-me, porém, que este vocabulo provém de um nome proprio.

que haviam por muitas vezes dezapparecido, por fôrças de pragas com que seus superiores as deram ao demonio; e depois que no ditto sitio se collocou huma cruz de pedra se afugentaram as couzas sinistras que ali succediam, e fantasmas que appareciam; o sitio he espantoso, e horrendo». (Tomo XXXII, fl. 733).

422. Rio de Molinhos (Alentejo)

Inscrição em português

«Na parede desta igreja (*de Santiago*) da parte de dentro e da parte do Evangelio se acha huma pedra branca, engastada na mesma parede, que tem o letreiro seguinte:

EU D. GONÇALO EDIFIQUEI ESTA IGREJA DE SANTIAGO
EM HONRA E LOUVOR DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO,
E DA BEMAVENTURADA VIRGEM MARIA SUA MAY SANTISSIMA.

E ESTA IGREJA DOM GONÇALO A FES AQUI EM SUA VIDA E
MORREO, E ESTÁ SEPULTADO EM A PARTE DIREYTA DA J-
GREJA, REYNANDO EM PORTUGAL DOM DINIS SEXTO REY DES-
TE REYNO, ISTO FOY FEITO EM O MES DE OUTUBRO NA
ERA DE 1328

ESTA PEDRA DESCOBRIU E MANDOU POR AQUI TRADU-
ZINDOA NESTE IDIOMA O L.^{do} MANOEL RODRIGUEZ RAMALHO,
NOTTARIO DO SANTO OFFICIO, E PAROCHO NESTA FREGUEZIA
NA ERA DE 1728

(Tomo XXXII, fl. 735).

423. Rio Tinto (Entre-Douro-e-Minho)

Minas

«Na dita serra pella parte do Norte sitio de Espinhaço de Cam se acham fojos porem quazi tapados algum ainda conserva altura de vinte palmos, e como ella he ramo da de Valongo e de Santa Justa aonde ha muitos com escadas subterraneas, he sem duvida que dos seus fojos se tirou no tempo dos romanos muita quantidade de ouro, de que hão repletos os Preconsules que governavão a Hespanha no tempo da republica e ainda no do Imperio como dis Plinio e não ha muitos annos sendo vivo o Senhor Rei D. Joam o 5.^o por ordem sua vejo hum mineiro a esta serra, e dizem que achara o ouro, o qual não proseguio por não corresponder a ganancia a despeza, tambem em Baguim ha ruinas de talco na Quinta do doutor Gualter Antunes Pereira, e por outras mais partes mostras d'elle». (Tomo XXXII, fl. 814)

424. Rio Torto (Trás-os-Montes)

Fortaleza dos romanos

«No que respeita ás antiguidades dignas de memoria não ha mais que em hum cabeço alto huns vestigios das ruinas de hũa fortaleza dos Romanos ou mais antiga: aqui neste sitio se tem achado relogios de ouro, e disem ha tradição que tambem se acharão pratos de prata». (Tomo XXXII, fl. 822).

425. Rios (Entre-Douro-e-Minho)

Torre

«Ha nesta freguezia chamada e situada no lugar do Poço huma torre antiga e de que he senhor Antonio Marinho Falcam e não pareceo Ruina no terramoto». (Tomo XXXII, fl. 841).

426. Rolica (Estremadura)

Cezareda. — Moedas romanas

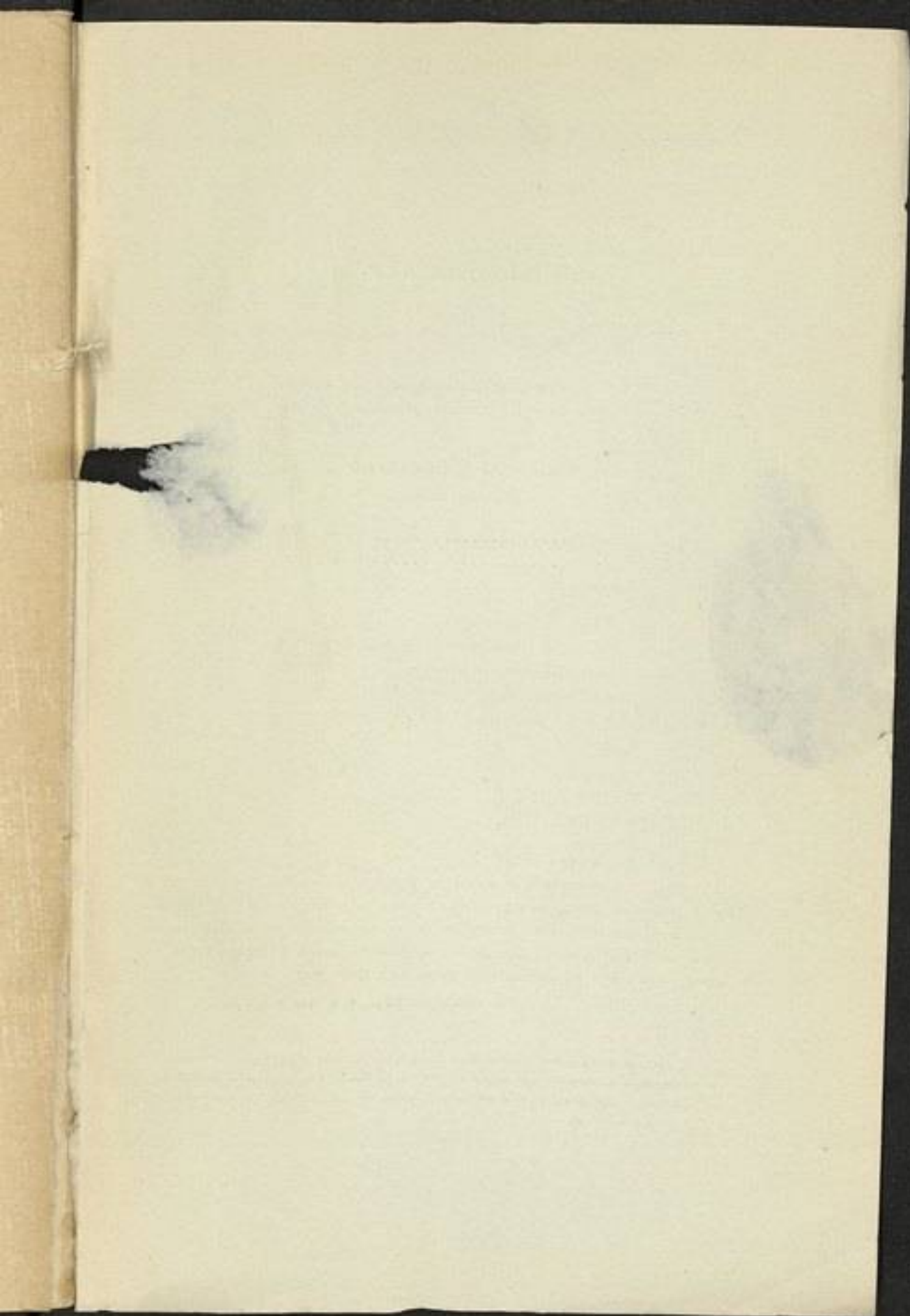
«O Pó, terceira aldea desta freguezia tem quarenta fogos; e fora do lugar huma Ermida, orago de Santa Catherina, em huma quinta que he de dona Roza de Peniche: está situada esta aldea junto a huns penhascos chamados Sezereda¹, onde este anno foram achados alguns dinheiros de cobre com a figura do Imperador Romano de huma parte e da outra com tres figuras e em circulo este titulo — *Reparatio Reipublicae*. — Dizem que esta aldea fora antigamente Cidade; e se fundira talvez por algum terremoto; porque apparecem edeficios debaixo da terra.

He pobre, junto a ella ha um Ribeiro com ponte de cantaria de hum arco.

Columbeira, quarta aldea anexa a esta freguesia, tem setenta e oito fogos, he terra muito pobre, tem dentro em si huma Ermida do Povo, Orago de Santa Justa e Rufina; está situada em planice, junto a humas serras onde ha humas grandes concavidades e fundas. No lemite deste lugar, onde chamam os Fornos da Telha ha huma fonte, cuja agoa sempre foi afamada». (Tomo XXXII, fl. 862).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ A orthographia geral hoje é cem e. Qual a melhor graphia só a podem dar documentos anteriores ao seculo XVI. O Sr. Leite de Vasconcellos (*Religiões da Lusitania*, I, 28, nota 4) põe de lado o etymo *Cesar*, e julga que provenha de *cicereta ou *ceraseta.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterà menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida ao administrador d'*O Archeologo Português*, MUSEU ETHNOLOGICO, Belem (Lisboa).

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.